



### **O Brasil em que todos acreditamos**

Significativas mudanças na economia global vêm tomando corpo nos últimos anos. E fatos como a ascensão comercial da Coréia, o crescente fluxo de investimentos na China, a migração da contratação de serviços rumo a Índia e até a recente valorização de papéis brasileiros servem de indicativos para aquela que parece ser a mais significativa destas mudanças no longo prazo: o crescimento e fortalecimento das economias emergentes. Um recente estudo do maior banco de investimentos do mundo, o Goldman Sachs, mostra que os 4 maiores mercados emergentes do mundo (Brasil, Rússia, Índia e China - cujas iniciais formam a sigla BRIC, através da qual serão referenciados a partir de agora) irão representar um papel muito mais importante do que os atuais investidores imaginam. O estudo comparou o crescimento e as perspectivas dos BRICs com o G-6 (EUA, Japão, Alemanha, Reino Unido, França e Itália) e, ao que parece, não é só a hegemonia política dos EUA que está sendo ameaçada, como mostrou a Guerra do Iraque, mas também a sua superioridade econômica.

Utilizando-se de projeções demográficas e um modelo de acúmulo de capital e aumento de produtividade, os analistas do Goldman Sachs concluíram que em 2050 o PIB dos BRICs será maior que o do G-6, sendo que, do atual G-6, apenas EUA e Japão ainda estariam dentre as 6 maiores economias do mundo. A China já teria tomado o lugar dos EUA como maior economia do mundo até 2041 e o Brasil já seria a 5ª maior, tendo superado Itália, França, Alemanha, Reino Unido e Rússia.

### **A direção do fluxo de investimentos**

Com o futuro encolhimento da participação das atuais economias avançadas, investir no mercado certo - particularmente no mercado emergente correto - será uma decisão estratégica cada vez de maior importância para companhias globais. Estima-se que mais de 80% dos ganhos



dos maiores mercados de capitais do mundo virão das receitas obtidas dentro de dez anos ou mais, fator este que traz sensível importância ao estudo.

O crescimento anual do consumo em dólar dos BRICs superará o do G-6 já em 2009, e em 2050 já será 4 vezes maior. A taxa de crescimento da renda per capita nos BRICs alcançará quase 7% a cada 5 anos, enquanto nos países do G-6 este número girará em torno 1,5%. Este aumento de renda pode e deve mudar hábitos de consumo nos países emergentes, sendo um importante determinante na definição de preços e oferecimento de produtos. Um detalhe que torna as decisões de investimento ainda mais complexas é o fato de que, diferentemente de hoje, as maiores economias do mundo (por PIB) não serão necessariamente as mais ricas (por renda per capita). Mas espera-se que este maior crescimento nas economias dos BRICs, gerando nova demanda e maior consumo, acabe por compensar o impacto do envelhecimento e da diminuição no ritmo de crescimento das economias avançadas .

### **O impacto das taxas cambiais**

Em torno de 1/3 do aumento no PIB do BRICs se dará pura e simplesmente através do aumento na cotação de suas moedas, sendo que os outros 2/3 serão fruto de efetivo crescimento. Estima-se que a valorização destas moedas pode chegar a 300% durante os próximos 50 anos, resultando numa média de 2,5% ao ano. Isto se explica através de um fenômeno estatístico já verificado no Japão, em que a renda per capita tende a equiparar-se à renda medida pela paridade do poder de compra (PPP, na sigla em inglês). Há uma clara tendência à proximidade entre os valores de renda per capita e a PPP em países desenvolvidos. À medida que os BRICs se desenvolvam e a sua produtividade aumente, a moeda tende a valorizar-se a fim de refletir estes efeitos. O Brasil, por exemplo, possuía uma renda per capita de US\$ 2.850,00 em 2002, mas uma PPP equivalente a US\$ 7.250,00.



### Como os países enriquecem

Os economistas do Goldman Sachs atribuem a dois fatores principais os motivos pelos quais um país emergente enriquece: o primeiro é que tais países podem utilizar-se de tecnologias já existentes e disponíveis em países mais avançados a fim de "alcançá-los"; o segundo, e mais importante, é que nos países emergentes há um lastro maior de crescimento, ou seja, justamente por possuírem um maior número de pontos a serem desenvolvidos em suas economias, como educação, infraestrutura, distribuição de renda, etc. existem mais possibilidades que permitam um crescimento mais acelerado destes países. A tendência é que, conforme haja este desenvolvimento, as taxas de crescimento aproximem-se dos níveis dos países desenvolvidos.

Mas apenas isto não basta. A fim de obter a performance esperada e manter-se nela, os economistas elegeram 4 fatores principais que permitem este crescimento e, conseqüente, enriquecimento:

- Sólidas políticas macroeconômicas: baixo nível de inflação, saudáveis finanças públicas, uma taxa de câmbio bem administrada, dentre outros;
- Fortes e estáveis instituições políticas: incertezas e instabilidades no campo político afastam investimentos e prejudicam o crescimento;
- Abertura de mercado: abertura ao comércio e aos investimentos diretos estrangeiros têm desempenhado um papel fundamental em desenvolvimentos de sucesso;
- Altos índices de educação: conforme a economia cresce rapidamente o país pode enfrentar falta de mão-de-obra qualificada, interrompendo o processo.

### Desafios não faltam



Para as companhias a grande questão a ser respondida é aonde investir. Muitas das oportunidades não deixarão de estar nas economias avançadas, que ainda serão as mais ricas do mundo. Mas o crescente poder de compra e o lastro para ainda mais desenvolvimento colocam as economias emergentes como o grande "filão" a ser explorado nas próximas décadas.

Quanto aos países em questão, cada um enfrenta seus próprios problemas. A Rússia ainda tem muito que progredir no campo político. A China depara-se com problemas humanitários, cujas raízes são também de natureza política. Tampouco possui uma economia moderna - a produção e distribuição de riquezas ainda é fortemente regida pelo Estado. A Índia tem como principal entrave a baixa escolaridade de sua população em geral. E o Brasil?

No estudo o Brasil é colocado claramente como o país que mais mudanças tem pela frente a fim de alcançar as projeções. Dentre os maiores obstáculos a serem transpostos estão a ainda pequena abertura ao comércio internacional (nossa balança comercial é pouco superior a 10% do PIB), a baixa taxa de poupança interna (atualmente em 19% contra 36% da China, por exemplo) e o enorme déficit fiscal, que se encontra hoje a 57,7% do PIB. Mas mais do que isto, nós brasileiros estamos plenamente cientes tanto das deficiências quanto das potencialidades de nosso país. O Brasil, em que todos acreditamos e o qual sabemos ser capaz de cumprir quaisquer destas projeções, não pode ser dependente única e exclusivamente de uma política de governo, ainda que ela seja de suma importância para o nosso futuro. Está nas mãos de cada um de nós também fazer o que está ao nosso alcance a fim de transformarmos todo o nosso potencial em realidade. Este é um país digno da confiança não apenas de investidores e países desenvolvidos, mas principalmente de sua nação, que faz economistas crerem num futuro tão promissor e acrescenta a cada dia ao orgulho de ser brasileiro.



## ARTIGOS

---

Luiz Bessa - associado da DealMaker